

RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE: Uma Análise do Discurso dos Livros Didáticos

Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia¹
Cristina Terezinha Borges de Barros²

RESUMO

O livro didático é, muitas vezes, a única referência para o trabalho dos educadores, assumindo um papel central nas definições de estratégias de ensino. Além de interferir na organização pedagógica das escolas, tem peso na cultura dos cidadãos, por influenciar nos valores das sociedades, pela forma que apresenta os fatos e pelo próprio processo de veiculação do conhecimento. Em virtude de seu frequente uso nas instituições escolares, se faz necessário averiguar como e de que forma são abordadas as questões de gênero e sexualidade nos livros didáticos. Neste trabalho, procuramos identificar se os livros em circulação estão livres de preconceitos e estereotipagem. Para tal, a metodologia utilizada foi a de ATD (Análise Textual Discursiva). Foram examinados os livros didáticos do oitavo ano do Ensino Fundamental de uma escola do Sudoeste do Estado do Paraná. É possível argumentar que alguns dos livros analisados deixam a desejar na abordagem dos temas transversais gênero e sexualidade, e que os mesmos ainda contêm informações equivocadas e desatualizadas, predominando uma visão heteronormativa.

Palavras-chave: Ensino fundamental; direitos sexuais; heteronormatividade.

GENDER RELATIONS AND SEXUALITY: AN ANALYSIS OF TEXTBOOK DISCOURSE

ABSTRACT

The textbook is often the only reference for the work of educators, assuming a central role in the definition of teaching strategies. In addition to interfering in the pedagogical organization of schools, they have a bearing on the culture of citizens, for influencing the values of societies, the way facts present themselves and the process of knowledge transmission itself. Due to its frequent use in school institutions, it is necessary to find out how and in what way gender and sexuality issues are addressed in textbooks. In addition, we try to identify if the books in circulation are free from prejudice and stereotyping. For this, the methodology used was that of ATD (Discursive Textual Analysis). The textbooks examined were from the 8th year of Elementary School, from a school in the southwest of the State of Paraná. It is possible to argue that some of the books analyzed fail to address gender and sexuality cross-cutting issues and that they still contain misleading and outdated information, with a heteronormative view predominating.

Keywords: Elementary education; sexual rights; heteronormativity.

Submetido em: 20/7/2020

Aceito em: 6/12/2020

¹ Autor correspondente: Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Rua Edmundo Gaievski, 1000 – Cidade Universitária. CEP 85770000. Realeza/PR, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/9007404555091852>. <https://orcid.org/0000-0002-7782-2040>. ronaldo.garcia@uffs.edu.br

² Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Realeza/PR, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/5715839683834240>. <https://orcid.org/0000-0001-6799-938X>

INTRODUÇÃO

A educação é um direito de todos, garantido na Constituição Federal, que caracteriza a escola como sendo um espaço pedagógico, no qual o ensino deve ser igualitário de condições para todos, sem distinção de gênero, etnia, classe social ou outros fatores (VAL; MARCUSCHI, 2008).

As sociedades contemporâneas têm vivenciado transformações nas mais variadas áreas, dentre as quais a ciência, a cultura, a tecnologia, a religião e a política. Essas transformações refletem nas ações que ocorrem nos espaços escolares, desenvolvendo relações complexas, que exigem atenção por parte dos professores e da equipe escolar, no sentido de garantir a todos a oportunidade de acesso à educação crítica reflexiva, sem que ocorra qualquer tipo de discriminação e/ou exclusão, seja por conta da cor da pele, do sexo, da orientação sexual, das condições físicas ou psíquicas que escapam aos padrões sociais tidos como “normais” ou “desejados” (SANTOS, 2008).

Deve estar fora do modelo ditatorial heteronormativo, que conceitua como normais e corretos apenas os relacionamentos entre pessoas de sexos opostos, discurso este hegemonicamente binário, por meio do qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados e moldados com normas que fazem imposição a uma heterossexualidade, e que define o que é de menino ou de menina. Conforme Simone de Beauvoir (2016, p. 9), “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Assim também o é com os homens, sendo a civilização que cria, define e impõe os modelos que se caracteriza como sendo socialmente aceitáveis.

A escola deve ser o local apropriado para práticas democráticas, ou seja, um espaço em que todos os sujeitos envolvidos tenham a oportunidade de expressar suas ideias, refletir sobre elas e defendê-las (SILVA, 2012). Para tal, é necessário que a problematização se faça presente nas salas de aulas, que se reflita sobre os padrões de comportamento que são culturalmente impostos e como estes são aceitos e desejados. Necessariamente, no que se refere aos temas gênero e sexualidade, é relevante uma atenção maior (SILVA; MELLO, 2011), pois estes são assuntos que já passaram no decorrer dos séculos por muitas construções e desconstruções.

Em prol de uma educação eficaz é preciso superar a visão imediatista, para a construção de processos educativos mais sólidos e duradouros, em que as diferenças não sejam utilizadas como motivos para exclusão. Nos espaços educacionais, o respeito deve prevalecer, independente da etnia, religião, cor, classe social e opção sexual. Sendo assim, pergunta-se: Como são abordadas, atualmente, as questões de gênero e sexualidade dentro das instituições educacionais? Este questionamento faz-se especialmente pelo motivo de que o livro didático tem, em muitas escolas, papel central nas abordagens metodológicas, e em algumas, é o único recurso didático-pedagógico utilizado pelo professor.

Os livros didáticos ocupam um lugar de destaque na definição das políticas públicas em educação. Nas escolas públicas, desempenha uma função notável, seja na delimitação da proposta pedagógica a ser trabalhada, seja como material de apoio ou suporte para os professores e alunos (VAL; MARCUSCHI, 2008).

Os manuais didáticos têm contribuído para a aprendizagem dos conteúdos, porém, não se restringem apenas aos seus aspectos pedagógicos e às possíveis influências na aprendizagem e no desempenho dos estudantes, pois têm exercido papel importante em outros segmentos da sociedade. Por possuir aspecto político e cultural, interferem na produção de valores nas comunidades, com relação à visão da ciência, da história, da interpretação dos fatos e do próprio processo de contextualização do conhecimento (FRISON *et al.*, 2009).

Muitas vezes, o livro didático é a única referência para o trabalho do professor, e acaba assumindo o papel de currículo e de definidor das estratégias de ensino, sendo um importante suporte de conhecimentos e de métodos, servindo para orientar as atividades de produção e reprodução de conhecimento. Nos livros didáticos, portanto, não podem ser veiculados preconceitos e estereotipagens, que são formas que buscam conferir qualidades ou defeitos a alguém se utilizando de conceitos pré-concebidos, muitas vezes recorrendo a generalizações simplistas. Da mesma forma, não podem haver informações erradas ou desatualizadas (PAVÃO, 2006).

Assim, o presente artigo busca averiguar se estão sendo e de que forma são abordadas as questões de gênero e sexualidade nos livros didáticos utilizados no 8º ano do Ensino Fundamental, em uma escola no Sudoeste do Estado do Paraná. Interessa-nos, também, verificar se os livros em circulação estão livres de preconceitos e estereotipagem; se em suas páginas não há o uso equivocado de conceitos; observar se não está sendo dada ênfase apenas aos aspectos fisiológicos, ou se abordam a sexualidade em sua plenitude. Além disso, constatar como são tratadas as questões de gênero e sexualidade, e se estas são consideradas distintamente; se trazem os direitos reprodutivos das brasileiras e dos brasileiros, ou se apenas informam como prevenir a gravidez e as doenças sexualmente transmissíveis; e analisar as imagens e figuras que ilustram as páginas dos livros didáticos, observando se estão livres de heteronormatividade.

Com ferramenta de análise dos textos dos livros didáticos em tela, foi utilizado o método Análise Textual Discursiva (ATD), que consiste em três passos: o de examinar minuciosamente os livros, processar em categorias e concluir o processo com a redação do metatexto da pesquisa.

Verificamos, também, se são seguidas as recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), por constituírem um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo o país, tendo como função a orientação e garantia na coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, assim como, subsidiando a participação dos professores brasileiros, em especial daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção científica e pedagógica, uma vez que, em uma sociedade democrática, o processo educacional não pode ser instrumento para a imposição, nem exclusão. As diretrizes que norteiam os PCNs, portanto, são resultantes do próprio processo democrático, nas suas dimensões mais amplas, envolvendo a contraposição de diferentes interesses e a negociação política necessária para encontrar soluções para os conflitos sociais (BRASIL, 1997).

Em um Estado democrático, uma das obrigações é investir na escola, para que esta prepare e forme as crianças e jovens para viver em sociedade de forma democrática, estendendo o acesso à educação de qualidade para todos, da mesma forma que possibilitando a participação social. Para tal, é necessária uma prática educativa adequada às necessidades sociais, políticas, econômicas e culturais da realidade. Igualmente, uma escola que leve em consideração os interesses e as motivações dos alunos e garanta as aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem (BRASIL, 1997). Desse modo, respeitando a todos, compreendendo que somos todos seres humanos e merecedores de atenção, amor, carinho e afeto, independente do credo, etnia, descendência e orientação sexual.

RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE

É de fundamental importância compreender que é um equívoco, apesar de ser bastante comum, tratar gênero e sexualidade como sinônimos. É evidente que essas identidades (sexuais e de gênero) estão profundamente inter-relacionadas, tornando difícil pensá-las separadamente, uma vez que se pode entendê-las como uma invenção social, ou seja, compreender que a sexualidade e gênero se constituem de múltiplos discursos, que procuram regular, normatizar, produzir “verdades”. Por serem invenções sociais não é possível compreendê-los observando apenas seus aspectos naturais (LOURO, 2014).

A sexualidade é construída por meio da interação entre o indivíduo e as relações sociais. O total desenvolvimento da sexualidade é essencial para o bem-estar individual, interpessoal e social, e é parte integral da personalidade. Seu desenvolvimento pleno depende da satisfação de necessidades básicas, como desejo de contato, intimidade, expressão emocional, prazer, carinho e amor (FURLANI, 2009). Os sujeitos podem exercer sua sexualidade de muitas formas, podem viver seus desejos e prazeres corporais dos mais variados modos, e é habitual este tipo de afirmação gerar certo desconforto em algumas pessoas.

Para aqueles que acreditam que existe uma lei natural ou divina que distingue o feminino do masculino, estabelecendo seus respectivos papéis na sociedade, o gênero é um conceito que contesta essa crença, gerando, assim, um temor caso não sejam afirmadas as diferenças naturais entre os dois sexos. Além disso, este termo abre brechas para que a base heterossexual do casamento possa ser questionada, assim como o papel do casamento heterossexual na constituição de novos modelos de famílias.

Essas indagações despertam os medos que uma parcela da população tem sobre mulheres que assumem novos papéis na sociedade, sobre o movimento que abrange as Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers ou Questionadores e Intersexo (LGBTQI), o casamento gay, o uso de tecnologias reprodutivas, o direito ao aborto e o crescente número de famílias não tradicionais. Assim como as famílias de gays e famílias de lésbicas com filhos, e a arte sexualmente explícita, tudo isso está intimamente associado ao termo “gênero”.

O gênero não nega diferenças biológicas entre os sexos, embora a perspectiva nos permita perguntar como as diferenças biológicas são organizadas e como refletimos sobre a relação entre diferenças biológicas, os papéis e as identidades sociais (BUTLER, 2017).

O termo gênero, como algumas teorias feministas afirmam, é “uma relação”, ou melhor, um conjunto de relações, e não um atributo individual (BUTLER, 2016), possuindo muitas definições a cada período da história. Em cada cultura apresenta uma definição; até mesmo se difere, não apenas entre as sociedades ou tempos históricos, mas, no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, de classe) que a constituem (LOURO, 2014), sendo simplista a concepção de macho *versus* fêmea.

Gênero não pode ser confundido com o sexo, visto que este representa o conjunto das características anatômicas, biológicas e físicas, enquanto o gênero e a sexualidade são construções socioculturais, sendo passíveis de variações ao longo do tempo e de contextos regionais (LOURO, 2014). A sexualidade não se resume nas relações sexuais, mas as identidades sexuais se constituem por meio das formas como vivemos a sexualidade, seja com parceiros do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros.

As identidades sexuais estão sempre se constituindo; não há um momento pré-estabelecido que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual ou a de gênero seja estabelecida e perpetuada. Em qualquer momento da vida é possível assumir uma nova identidade sexual (LOURO, 2014). A sexualidade é uma categoria ampla, que engloba os conceitos de linguagem, de corpo e de cultura, e que considera as relações de poder, os referenciais de classes, os vínculos entre os gêneros, a diversidade sexual, os aspectos sociais, históricos, políticos, econômicos, étnicos e religiosos (SANTOS; ARAUJO, 2009).

Ter os direitos sexuais respeitados está legalmente garantido (ao menos no papel). Toda e qualquer pessoa pode viver sua vida sexual, com prazer e livre de discriminação, podendo expressar livremente a sexualidade sem violência, discriminações e imposições, com respeito pleno por si próprio e pelo parceiro ou parceiros, parceira ou parceiras ou ambos, vivendo plenamente a sexualidade sem medo, vergonha, culpa e falsas crenças, independentemente de estado civil, idade ou condição física. Pode assim, escolher se quer ou não quer ter relação sexual, expressar livremente sua orientação sexual, seja ela heterossexual, homossexual, bissexual, entre outras, e independente da reprodução (BRASIL, 2009).

Os direitos sexuais reprodutivos conferem às pessoas o poder de decidirem, de forma livre e responsável, se querem ou não ter filhos, quantos e em que momento de suas vidas. Da mesma forma, a constituição estabelece o direito de acesso às informações, meios, métodos e técnicas ao sexo seguro para prevenção da gravidez indesejada, de doenças sexualmente transmissíveis, do vírus da imunodeficiência humana e da Síndrome de Deficiência Imunológica Adquirida (Aids), com acesso a serviços de saúde que garantam privacidade, sigilo e atendimento de qualidade e sem discriminação. Todos os cidadãos brasileiros, portanto, têm direito à informação e à educação sexual e reprodutiva. Por serem direitos, os Parâmetros Curriculares Nacionais

(PCNs) do Ministério da Educação (MEC) incorporaram a “orientação sexual” como tema transversal na educação pública brasileira.

A orientação sexual nas escolas visa à discussão sobre a sexualidade, os preconceitos, os tabus, as emoções e as questões sociais, políticas e culturais que permeiam o tema, proporcionando ao aluno a oportunidade de refletir sobre os seus próprios valores e os dos outros, propiciando, assim, viver a sexualidade com mais segurança, prazer, amor, liberdade e responsabilidade. Para tanto, se faz necessário, por parte da escola, um trabalho contínuo, sistemático e regular, que deve ser iniciado na Educação Infantil e se estender até o final da escolaridade.

A POLÍTICA DO LIVRO DIDÁTICO NO BRASIL

De acordo com o artigo 208 da Constituição de 1988, o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: “VII - atendimento ao educando, no Ensino Fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde” (BRASIL, 2016). Para atender a esses deveres, o Brasil fez investimentos, nos últimos anos, que transformaram o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), criado em 1985, no maior programa de livro didático do mundo (BITTENCOURT, 2003).

O Objetivo do PNLD é de subsidiar o trabalho pedagógico dos professores, por meio da distribuição de coleções de livros didáticos aos alunos da Educação Básica. O programa é executado em ciclos trienais alternados. A cada ano, portanto, o MEC adquire e distribui livros para os alunos de um segmento, ou seja, Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Anos Finais do Ensino Fundamental ou Ensino Médio. Tais livros devem ser conservados e devolvidos, para a utilização posterior de outros alunos, durante o período dos três anos (BRASIL, 2017), com exceção dos livros utilizados até o terceiro ano do Ensino Fundamental I, visto que estes livros são consumíveis. Neste caso, segundo o Decreto Nº 9.099, publicado no dia 18 de julho de 2017, a partir de 2019, todos os livros do Ensino Fundamental I devem ser consumíveis, ou seja, não precisam ser devolvidos no final do período letivo (ANNUNCIATO, 2017).

A escolha da coleção de livro didático utilizado nas escolas durante o triênio é realizada da seguinte forma:

A Coordenação Geral de Materiais Didáticos (COGEAM) é responsável pela avaliação e seleção das obras inscritas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e no Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), bem como pela elaboração do Guia dos Livros Didáticos voltado a auxiliar o professor na escolha dos livros didáticos. Com relação à compra e à distribuição dos materiais didáticos e literários selecionados pelo Ministério da Educação no âmbito da Secretaria de Educação Básica (SEB), é importante ressaltar que são de responsabilidade do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), cabendo a este órgão também a logística do provimento e do remanejamento dos materiais didáticos para todas as escolas públicas do país cadastradas no censo escolar (BRASIL, 2017).

Contando com um investimento grandioso da parte do Ministério da Educação, os livros didáticos constituem um recurso de fundamental importância, largamente utilizados em sala de aula em todas as regiões do país (SOUZA; COAN, 2013). Na maioria

das escolas, e em algumas, os livros têm sido praticamente o único instrumento de apoio do professor e fonte de estudo e pesquisa para os estudantes (FRISON *et al.*, 2009). Traz consigo metodologias de ensino, concepções de ser humano, de educação, de ciência, de valores, entre outras percepções, que influenciam fortemente a formação dos alunos, determinando, muitas vezes, o que se ensina e como se ensina. É comum que a sequência de assuntos abordados em sala de aula siga rigorosamente a ordem apresentada pelo livro didático (SOUZA; COAN, 2013).

No ano de 2017 o investimento com livros didáticos superou o valor de um bilhão, como demonstrado no Quadro I, empregado na aquisição e distribuição de novos livros para a substituição que ocorre no triênio, que, desta vez, foi feita nos livros das séries finais do Ensino Fundamental, mas também para a reposição dos livros consumíveis de todas as séries, assim como para adquirir livros adicionais – tanto consumíveis quanto reutilizáveis –, para suprir as necessidades das escolas que receberam acréscimos de matrículas.

Quadro I – Demonstrativo do número de beneficiários e valores empregados pelo PNLD em 2017

Ano do PNLD	Atendimento	Escolas Beneficiadas	Alunos Beneficiados	Exemplares	Valores (R\$) Aquisição
PNLD 2017	Ensino Fundamental: 1º ao 5º ano	96.632	12.347.961	39.524.100	319.236.959,79
	Ensino Fundamental: 6º ao 9º ano	49.702	10.238.539	79.216.538	639.501.256,49
	Subtotal: Ensino Fundamental	111.668	22.586.500	118.740.638	958.738.216,28
	Ensino Médio: 1ª a 3ª Série	20.228	6.830.011	33.611.125	337.172.553,45
	Total do PNLD 2017	117.690	29.416.511	152.351.763	1.295.910.769,73

Fonte: FNDE, Programa do livro.

O livro didático é um importante material a ser usado no planejamento e desenvolvimento das aulas, pois são fontes de informações; contudo, sempre que possível, não deve ser utilizado com exclusividade. É relevante, na sala de aula, a utilização de materiais diversificados, para oportunizar que os conteúdos sejam tratados da maneira mais ampla possível, contribuindo para que o aluno amplie sua visão e conhecimento (BRASIL, 1997).

Pelo fato de os livros didáticos exercerem fortes influências na prática de ensino, é necessário que os professores se mantenham atentos à qualidade e à linguagem que apresentam em relação aos objetivos educacionais propostos. Para analisar a qualidade dos livros didáticos, a metodologia utilizada neste projeto está direcionada a identificar se há preconceito e discriminação referente ao gênero e à diversidade sexual. A ação desenvolvida é uma análise crítica dos livros didáticos fornecidos pelo MEC, no âmbito do PNLD 2017, utilizados no oitavo ano do Ensino Fundamental, em uma escola estadual no interior do Paraná. Tais livros didáticos foram adotados para o triênio 2017/2018/2019. O Quadro 2, a seguir, demonstra quais foram os livros adotados nessa escola.

Quadro 2 – Livros adotados no triênio 2017/2018/2019

Componente curricular	Autores	Título do livro	Editora	Cidade de publicação
Ciências	Ana Maria Pereira, Margarida Santana e Mônica Waldhelm	Ciências da Natureza	Brasil	São Paulo
Arte	Solange Utuari, Carlos Kater, Bruno Fischer e Pascoal Ferrari	Por toda parte	FTD	São Paulo
Língua portuguesa	William Cereja e Thereza Cochar	Português linguagens	Saraiva	São Paulo
Matemática	Joamir Souza e Patrícia Rosana Moreno Pataro	Vontade de saber	FTD	São Paulo
Geografia	Fernando dos Santos Sampaio e Marlon Clovis Medeiros	Geografia	SM	São Paulo
História	Alfredo Boulos Júnior	História sociedade e cidadania	FTD	São Paulo
Língua estrangeira moderna inglês	Vicente Martínez	Time to Share: english	Saraiva	São Paulo

Fonte: Elaborado pela própria autora (2018), a partir de informações fornecidas pela escola.

ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS LIVROS DIDÁTICOS

Após uma análise metódica dos livros didáticos do oitavo ano do Ensino Fundamental, foram utilizadas as seguintes questões orientadoras: Aborda sexualidade e gênero? Quando abordados, houve aprofundamento nos temas? As temáticas gênero e sexualidade são conceituadas corretamente? Sexualidade e gênero foram retratados de forma estereotipada? Essas questões culminaram em respostas às questões de pesquisas, da qual resultaram as categorias, conforme demonstrado na Tabela (Anexo I), as quais foram segmentadas em categorias, que permitiram analisar se foram abordados nos livros didáticos os temas gênero e sexualidade, se a abordagem foi feita seguindo as recomendações dos PCNs e se estavam livres de conceitos heteronormativos, conforme demonstrado no Quadro 3, a seguir.

Quadro 3 – Análise do livro didático

Componente curricular	Abordou as questões de gênero e sexualidade?	A abordagem foi feita seguindo as recomendações do PCN?	Há a presença de conceitos heteronormativos?
Ciências	Sim	Não	Sim
Artes	Não	Não	Sim
Língua portuguesa	Sim	Não	Sim
Matemática	Não	Não	Sim
Geografia	Sim	Não	Sim
História	Sim	Não	Sim
Língua estrangeira moderna inglesa	Sim	Sim	Não

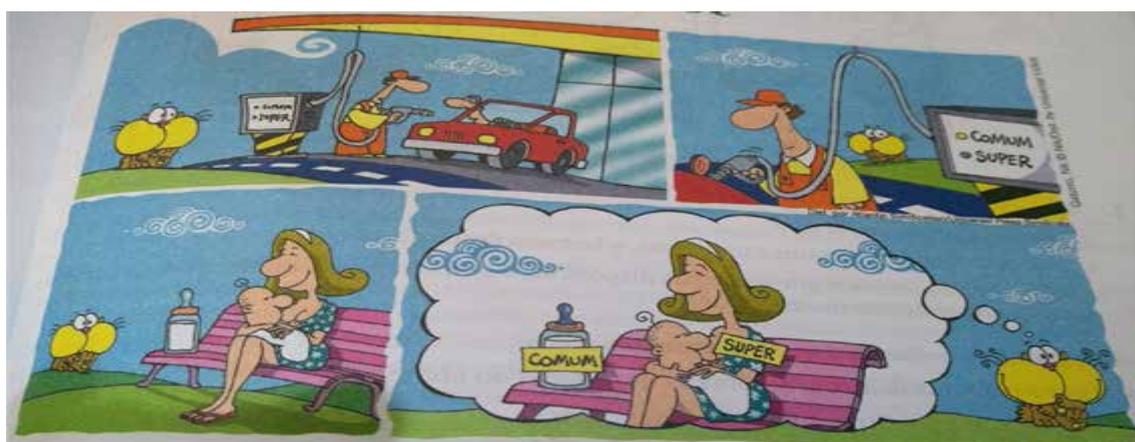
Fonte: Elaborado pela própria autora (2018), a partir da análise dos livros didáticos fornecidos pela escola.

É possível argumentar que, apesar das recomendações dos PCNs para a abordagem em sala de aula do direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade, assim como a inclusão das relações de gênero, levando em consideração o respeito por si mesmo e o outro, à diversidade de crenças, valores e expressões culturais, alguns dos livros analisados deixam a desejar na abordagem desses quesitos. Observou-se que os conteúdos presentes nos livros didáticos possuíam, em sua maioria, princípios que valorizam a heteronormatividade, e que poucos foram os manuais analisados que abordam as temáticas gênero e sexualidade conforme a sugestão dos PCNs; e, menos ainda são aqueles que as incluem de forma ampla, livre de preconceitos e estereotipagem.

Quando se fala em prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, a interpretação é a de que as relações sexuais se dão apenas entre casais heterossexuais, ocorrendo entre um pênis e uma vagina, sendo assim exposto: “O pênis deve ser retirado da vagina ainda ereto” (PEREIRA; SANTANA; WALDHELM, 2015, p. 99), ou “[...] a camisinha feminina deve ser retirada após a relação sexual. O anel externo deve ser apertado e a camisinha torcida, para que o esperma fique dentro da bolsa de látex” (PEREIRA; SANTANA; WALDHELM, 2015, p. 99). Não são abordadas outras formas de sexo, como se as relações sexuais só fossem possíveis apenas entre homem e mulher, com penetração vaginal.

Ainda, os livros didáticos investigados, em sua grande maioria, possuíam linguagem estereotipada, pois, mesmo aqueles que procuraram abordar a temática sexualidade e gênero, não conseguiram se desvencilhar dos conceitos heteronormativos, especialmente no caso da mulher, referenciada como objeto de reprodução. As mulheres ainda são extremamente vinculadas à figura da mãe, como pode ser verificado no exemplo dessa estereotipagem, presente no livro de português, cujo título do quadro é “Divirta-se” (Figura 1).

Figura 1 – Quadro Divirta-se



Fonte: CEREJA; COCHAR (2015, p. 75).

Esta forma de abordagem caracteriza a mulher como objeto de reprodução, sendo vinculada a ela a visão de que sua existência se remete a essencialmente um útero para procriar e a um par de seios para amamentar. A forma com que o livro se refere à alimentação materna é questionável, pois a imagem expressa a ideia de que o

leite materno é um produto negociável, comparando-o com o combustível, que é um produto comercializado, tornando possível a interpretação de que o corpo feminino está sujeitos à negociação. É algo que não leva em consideração os sentimentos das pessoas, que gostariam de amamentar e que, por um motivo ou outro, não conseguem, ou ainda, de considerar o direito de não amamentação. Nesse sentido, é sabida a importância do aleitamento materno para as crianças, mas compará-lo ao combustível é uma forma chula e perversa de abordar o assunto. Este, porém, não é o único desacerto, visto que em muitos momentos os conceitos gênero e sexualidade foram trazidos de forma equivocada, como sendo sinônimos, e há os que ignoraram completamente o assunto, como o livro de artes, que em nenhum momento abordou as temáticas.

O livro de ciências abordou apenas os aspectos biológicos da sexualidade, trazendo textos e imagens que, de forma sutil, reiteram o conceito de mulher como objeto de procriação. No capítulo 7 do referido livro (PEREIRA; SANTANA; WALDHLM, 2015, p. 100), se encontra o subtítulo *Gravidez: conhecer para evitar*, seguido de um texto sobre anticoncepcionais femininos: assim como a grande maioria dos livros, este não citou planejamento familiar e direito reprodutivo. Já o livro de língua portuguesa sustentou a visão da fêmea que cuida da casa e da família, que limpa, passa e cozinha, e que no Capítulo 1 apresenta o texto *Um fantasma camarada*, de Helen Louise Miller, com adaptação de Margarita Schulman (2015, p. 17-20):

ROBERTO – Eu me contentaria com um reboque. Mas onde está a minha mãezinha? Gostaria que ela chegasse logo pois estou morto de fome. O que é que há para o jantar?

[...]

(Entra a senhora MEIRELLES, bonita e energética).

MÃE – Será que ouvi falar em comida? Aposto que os homens da minha vida estão famintos.

AMBOS – É verdade.

MÃE – Bem, aguentem mais um pouco porque que já vou preparar um salmão delicioso e uma salada de feijão.

Assim como neste texto, muitos outros, presentes no livro de português e de demais componentes curriculares, a mulher é a personagem mãe do lar, cativa, meiga e bela, dentre outros requisitos impostos à fêmea, para que esta se enquadre no papel de mulher da sociedade patriarcal. Os livros de português e de ciências se combinam, apesar de terem autores e editoras diferentes, para reforçar a estereotipagem da mulher que reproduz, cuida e zela pela prole, na clássica visão da fêmea-mãe.

Esses dois livros, em especial, trouxeram uma abordagem estereotipada, com erros grotescos. No livro de ciências, mais um dos equívocos cometidos pelas autoras diz respeito ao exame ginecológico, que é assim descrito: “Ajuda a prevenir e a curar muitas doenças” (PEREIRA; SANTANA; WALDHLM, 2015, p 95). Sabe-se, contudo, que um exame diagnostica; não previne e nem cura. Com relação à saúde masculina, é afirmado que o urologista deve ser consultado, caso surja ardência ao urinar, ou apareçam caroços, secreções diferentes e coceira no saco escrotal ou no pênis. Nada é mencionado a respeito do exame de toque retal e qual é a função deste, e nem que é recomendado realizá-lo ao menos uma vez ao ano, principalmente após os 40 anos

de idade, para diagnosticar possível câncer de próstata. Essas abordagens reproduzem a visão de que as mulheres são mais suscetíveis às doenças, e que por este motivo precisam fazer um exame “que cura”, enquanto que os homens vão ao urologista para receberem orientações sobre dúvidas ou sintomas desagradáveis, não havendo explicações de que esses sintomas podem ser reflexo de doenças. Esse tipo de texto reafirma as estereotipagens do homem como sendo o super-herói que não adocece, e a mulher, o ser frágil.

Ainda, foram encontradas nos livros diversas partes que reiteram a visão heteronormativa de como deve ser o corpo e o comportamento de cada sexo, trazendo de forma, ora bastante sutil, ora explícita, que os adolescentes, assim como os adultos, devem saber e exercer seu papel na sociedade para poder se encaixar. A grande maioria dos livros analisados seguiu essa padronização, mas alguns até trouxeram textos que abordam as questões de gênero e sexualidade com coerência, como no caso do texto “As mulheres no movimento zapatista”, que dá ênfase e visibilidade às mulheres dentro de um movimento político, presente no livro de geografia, na página 128. Ocorre que a maioria dos textos presentes nos livros analisados apresenta a estereotipagem dos corpos e dos comportamentos desejados e aceitáveis para a manutenção da sociedade heteronormativa. Exemplo disso é a piada trazida no livro de português, na página 151, denominada *Piadas para você morrer de rir*, de Donald Buchweitz:

Uma moça do interior se preparou para ir ao baile do ano de sua cidade. Colocou seu melhor vestido, arrumou-se, perfumou-se e lá se foi toda contente.

Estava sentada em uma das mesas, a orquestra tocando, quando um rapaz todo suado veio tirá-la para dançar. Ela, a fim de não arrumar confusão, aceitou dançar com ele. A certa altura, o rapaz suava em bicas, e o cheiro se tornou insuportável. Ela, então, afastava-se um pouco dele. Ele a puxava de volta. A moça resolveu falar com ele e disse delicadamente:

-Você sua, hein?

Ele respondeu:

-Eu também vou ser seu, princesa.

Traçando um perfil, tanto para a moça quanto para o rapaz, o texto indica que ela deve ser de aparência delicada e recatada, pois fica sentada, esperando que um rapaz venha tirá-la para dançar, e não se opõe ao convite, mesmo o pretendente não sendo do seu agrado. Para não “arrumar confusão” aceita, ainda que no correr da dança, o rapaz a importune, puxando-a contra si; tudo isso desagrade a moça, mas ela não reclamou. Há, nesta piada, uma mensagem subliminar que define os papéis sexuais de mulheres e homens, naturalizando comportamentos que deveriam ser questionados pelo livro didático.

No referido livro, não são problematizadas estas questões ou realizada uma reflexão a respeito. Os exercícios trabalham apenas o conectivo de algumas palavras, e não é efetivada uma conexão entre as estereotipagens dos comportamentos apresentados na piada com as situações vivenciadas na sociedade machista, em que os homens se sentem no direito de importunar a mulher e assediá-la e agarrá-la, como no caso da piada trazida pelo livro. A moça a tudo reage com um sorriso nos lábios, por se sentir na obrigação de ser delicada e sem condições de dizer que aquela situação não

a está agradando, pondo a mulher num nível de submissão que precisa ser debatido, tanto em sala de aula quanto nos demais espaços da sociedade, especialmente nos espaços privados das famílias, a fim de romper e extirpar das sociedades comportamentos de imposição machista.

Necessitamos de uma reflexão e um debate profundo quanto ao posicionamento das mulheres nos relacionamentos, seja durante uma dança com uma pessoa que não é de seu agrado, em uma relação que envolva o ato sexual ou acerca de qualquer relação em que as mulheres são referidas de forma submissa. Nos livros analisados não são mencionados os prazeres sexuais, nem feminino nem masculino. Não é levantado o direito ao prazer sexual; por não ser um direito informado, debatido e questionado, parece natural que as mulheres tenham que inventar desculpas de forma gentil para não entrar ou, ainda, para sair de uma situação que não é de seu agrado. Um exemplo disso é a desculpa que a mulher tem que dar para o companheiro quando não está com desejo de fazer sexo: é uma quiche utilizada e também ridicularizada em algumas mídias a mulher dizer que está com dor de cabeça para evitar a relação sexual, como se tivesse que se sujeitar ao capricho alheio, quanto deveria ser adequado que toda e qualquer pessoa pudesse dizer não e ter respeitada sua vontade.

Está é uma das muitas situações negligenciadas pelos livros didáticos analisados. Fica difícil fazer uma interpretação dos direitos sexuais ou, ainda, analisar as questões que expõem as mulheres à submissão em livros que ainda associam as temáticas de sexualidade e de gênero apenas com as questões biológicas, não chegando mesmo nem a tratar de forma superficial. Não se verificou, portanto, a colaboração da grande maioria dos livros analisados para a superação dos desafios impostos à educação sexual.

Na maioria dos textos presentes nos livros analisados não há a diferenciação de gênero e do sexo; quando mencionados, são tratados como sinônimos, deixando de esclarecer as diferenças entre os componentes biológicos e as construções sociais representadas pelos termos gênero e sexualidade.

Uma situação bastante comum, encontrada em quase todos os livros, diz respeito à legenda das imagens. Quando as pessoas retratadas são mulheres, procura-se identificar que aquela(s) ali representada(s) é (são) mulher(es), porém, não ocorreu o mesmo com o(s) homem(s). Este foi o caso da imagem do livro de história (Figura 2): a pessoa que apedreja a “França” já ficou subentendido que era uma mulher, uma vez que foi possível ver os seios da mesma; contudo, na legenda houve a preocupação de especificar que se tratava de uma mulher. Já o soldado não foi necessário, uma vez que fica subentendido que era um homem e, como tal, não precisava constar na legenda, pois é o representante da espécie.

Figura 2 – Imagem do apedrejamento da “França”, com sua legenda estereotipada



Fonte: BOULOS (2015, p. 300).

É importante a manifestação e a participação das mulheres nos movimentos sociais e acontecimentos que marcaram a história da humanidade, algo que muitas vezes é omitido, como se a história fosse apenas resultado da ação de homens. A mulher na imagem simboliza a própria Comuna de Paris, como organização dos trabalhadores e trabalhadoras, que lança uma pedra sobre a cabeça de uma sociedade desumana e exploradora.

A legenda se torna bem problemática, quando reduz a figura na singularidade da mulher que comete uma violência desproporcional. Isso precisa ser problematizado pelo professor em sala de aula, uma vez que o livro não o faz, pois, do contrário, poderá induzir o aluno (em formação) a uma falsa ideia, tanto do gênero quanto da Comuna (que foi brutalmente esmagada).

Tal situação é muito comum nos livros investigados. Para melhor vislumbrar esta situação, analisamos duas imagens encontradas no livro de geografia, que retratam com clareza esta situação: nas imagens que se encontram na página 193, os autores sentiram a necessidade de especificar na legenda que é uma mulher trabalhando, enquanto que na imagem da página 222 a legenda apresenta, simplesmente, trabalhador rural. Seria adequado, então, mencionar “homem no trabalho rural”, para ficar padronizado com a imagem da página 193, ou o inverso.

Em qualquer um dos casos, se fosse padronizado, não desrespeitaria as normas gramaticais, mas, o que chama a atenção é a necessidade de se identificar o sujeito que não é do sexo masculino, projetando sobre o mesmo a diferenciação do gênero. Sendo o homem constituído como a referência, não precisa ser nomeado, pois as normas de nossa sociedade estabelecem, historicamente, que o homem é o ator principal. Os demais, à margem dela, carecem de ser identificada para o reconhecimento do “outro”, que não partilha dos mesmos atributos (LOURO, 2014).

Situação equivalente ao que ocorreu nas legendas das imagens se passou com o emprego da gramática. Em decorrência dos acordos gramaticais e a conformidade com as regras de linguagem tradicionais, impediu-se de observar que seguindo regras definidas pela gramática e os dicionários, leva-se a legitimar o mundo dominado pelo

sexo masculino. Um claro exemplo disso é que em nenhum livro foi realizada uma reflexão sobre o fato de a humanidade ser, muitas vezes, identificada genericamente como “homem”, e a necessidade que os autores e autoras têm de identificar as figuras femininas. Segundo Louro (2014, p. 71), “tão ou mais importante do que escutar o que é dito sobre os sujeitos, parece ser perceber o não dito, aquilo que é silenciado”, seria o homem dispensado de apresentação, por ser ainda tido como o dominante, fazendo-se necessário identificar os sujeitos que se diferenciam desse sexo.

Com relação às imagens, podemos verificar que o livro de inglês, no Capítulo 8, intitulado “Família: formações familiares”, apresenta textos ricos e explicativos, como o da página 124, de autoria de Camryn Crump, que é o relato de vida de uma criança com dois pais. Além disso, traz figuras em pictogramas, representando diferentes composições familiares. Este foi um contraponto aos demais livros que, geralmente, quando mencionam família, trazem a imagem do pai, da mãe e de seu(s) filho(s), com características físicas que demonstram que são filhos biológicos do casal.

Abordar as diferentes composições familiares é de singular importância para a descaracterização da família patriarcal como sendo a única forma possível de se constituir famílias. Este livro apresenta, também, as imagens dos autorretratos de Frida Kahlo, acompanhadas de textos explicativos sobre sua biografia e o que as imagens representam. Neste sentido, trazer obras de artes de autoria feminina é de elementar importância, uma vez que ainda há um predomínio masculino no ramo das artes e das ciências, entre outros conhecimentos. Segundo Chassot (2017, p. 49),

Quando se busca caracterizar a ciência, há algo que aparece muito naturalmente e que quase não necessita de muito esforço para ser evidenciado, o quanto a ciência é masculina. Aliás, a predominância masculina parece não ser diferentes quando se fala nas artes. Quais as mulheres proeminentes que aparecem na constelação de grandes compositores, pintores ou escultores? Mesmo na filosofia não encontramos nomes de muitas mulheres, se comparado com os homens. Tanto na Academia Brasileira de Ciências como na Academia Brasileira de Letras o número de mulheres é muito pequeno.

Como o próprio Chassot (2017, p. 50) argumenta, “não somos assim ou pensamos assim por acaso, nós nos construímos ou fomos construído assim”. Nas salas de aula o livro didático é, muitas vezes, o único material de pesquisa fornecido para os alunos, e se estes só apresentam referências de obras masculinas, acabará por reforçar o preconceito em relação às mulheres, fortalecendo, assim, a visão de que elas têm um papel condicionado ao ambiente doméstico, que foram “feitas” para auxiliar, não se aceitando que elas produzam, trabalhem e estudem. Apesar de ainda serem poucos os livros didáticos que prestigiam os trabalhos femininos, estes são de fundamental importância, como afirmado pelo presidente Lula, no ato de reinstalação do Conselho de Ciência e Tecnologia, em seu primeiro governo: “temos que acabar com esse Clube do Bolinha” (CHASSOT, 2017, p. 49). Para isso, é de enorme importância que os livros didáticos abordem de forma coerente as temáticas de gênero e sexualidade e tragam trabalhos desenvolvidos por mulheres nas várias áreas do conhecimento.

O livro de ciências analisado foi elaborado por três autoras, mas não foge do padrão dos livros didáticos que trazem primordialmente as referências masculinas, como

Darwin, Mendel, William Harvey, Marcelo Malpighi, René Laennec, Claude Bernard, Miguel Nicolelis e muitos outros. Os nomes das cientistas desaparecem quase que por completo. Somente em um quadro, denominado “Com a palavra”, é apresentada a especialista Mayara Zatz, que é pesquisadora na área de células-tronco, de forma muito discreta, nutrindo, assim, a ideia de predomínio masculino na área da ciência, pois as autoras não procuram abordar esse assunto ou apresentar referências femininas. E há um número significativo de cientistas mulheres, que precisam ganhar visibilidade, para inspirar mais mulheres a estudar e trabalhar nas ciências ou nas áreas que desejarem.

São raros os casos das mulheres mencionadas, com vínculo às ciências, porém, grande é o número de vezes que foram apresentadas como objeto de reprodução e responsáveis pela cria, como é o caso, no Capítulo 16 do livro de ciências, sobre o sistema endócrino, em que a primeira imagem é a de uma mulher amamentando, frisando, mais uma vez, a importância do aleitamento materno. Não são mencionadas, porém, a importância do planejamento familiar e das implicações na vida feminina em decorrência da gestação e do aleitamento, nem é apontado que, atualmente, as mulheres continuam ganhando menos em alguns trabalhos e que, muitas vezes, não são contratadas por ficarem grávidas e terem direito à licença para amamentação.

Não somente no livro de ciências, mas em praticamente todos os livros didáticos examinados, as mulheres estão presentes nos textos e nas imagens interpretando o papel de mãe e/ou de esposa. O papel de doutor, pesquisador, cientista e os nomes aos quais é agregada alguma importância são reservados aos homens brancos. As mulheres, os negros, os indígenas e os amarelos são figurantes, personagens aos quais é atribuída menos importância. Quando lemos ou vemos as imagens, dialogamos com o conteúdo ali presente, realizando um movimento dialógico que acomoda e desacomoda esquemas mentais (MOMESSO *et al.*, 2016).

Há, portanto, no ato de ler ou mesmo de observar as imagens, a construção de nossa memória, e, como já salientado neste trabalho, os livros didáticos são largamente utilizados nas escolas do país, fazendo com que a forma como as pessoas, os objetos e as situações são expostas acabem por interferir na maneira como os alunos formulam a percepção sobre eles mesmos, os outros e o mundo. A imagem da mulher, ainda fortemente ligada ao papel de mãe e da pessoa que gesta e amamenta, é uma maneira de manter os arranjos das relações de gênero e sexualidade dentro de um modelo estereotipado, patriarcal e sexista. Em outras palavras, naturaliza e legitima as desigualdades de gênero.

Em relação ao grupo dos autores dos livros didáticos investigados, verificamos que, de um total de 15, quase todos apresentam formação em nível de Pós-Graduação, sendo uma autora que possui apenas Graduação: 7 são doutores, 6 são mestres e um é especialista. Entre os que possuem Pós-Graduação na modalidade *Stricto sensu*, 4 são em Educação, 2 em Letras e Literatura, 2 em Geografia, 3 em Artes, uma em Ciências e uma em Matemática. Além disso, há também uma autora especialista em Estatística. Embora 2 dos autores possuam formação em Pedagogia e tenham autoria em livros didáticos de áreas diversas, a maioria dos produtores de livros didáticos possuem formação em áreas específicas. Sendo assim, 3 autores possuem formação em Linguística e Literatura, 2 em Matemática, 2 em Geografia, um em História, 2 em

Pedagogia, 2 em Ciências Biológicas e 3 em Educação Artística. É interessante observar que nenhum dos escritores de manuais didáticos são formados em Química ou Física, o que nos permite confirmar que os livros didáticos de ciências foram escritos por pessoas formadas na área da biologia; daí a predominância de conteúdos relacionados à área das ciências biológicas nas obras didáticas aqui analisadas.

Cumpramos ressaltar, aqui, que as informações sobre a formação dos autores de livros didáticos foram buscadas nas próprias obras ou, quando os dados não estavam completos, no *Currículo Lattes* (BRASIL, 2020) dos autores. Mesmo assim, verificamos que um número significativo dos currículos está desatualizado. Boa parte dos dados levantados revelam que quase todos os autores exerceram ou exercem atividades profissionais junto a escolas públicas e particulares da Educação Básica ou mesmo em cursos pré-vestibulares. Apenas três autores atuam no Ensino Superior. Essas informações revelam que os escritores dos livros didáticos possuem experiência nos espaços em que suas obras são utilizadas. No que diz respeito à relação dos autores com o tema sexualidade, apenas dois deles possuem publicação sobre esse conteúdo, e isso demonstra que, do grupo estudado, a maior parte não apresenta experiência direta com a temática. Quanto à formação dos autores envolvendo temas relacionados à educação sexual, é difícil fazer qualquer consideração, na medida que os instrumentos de consulta utilizados não nos permitem fazer qualquer tipo de análise.

De qualquer forma, fica evidente que, apesar da considerável formação dos autores dos manuais didáticos, os assuntos e conteúdos do tema transversal sexualidade, que deveria ser abordado por todas as áreas do conhecimento, ainda deixa muito a desejar. Além disso, dado o atual contexto político e social, marcado pelo ressurgimento do pensamento conservador e tradicional, não nos é passada a ideia de que alguma política pública indicando a formulação de materiais didáticos que contemplem temas relacionados à educação sexual seja adotada a curto ou médio prazos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os livros didáticos do oitavo ano do Ensino Fundamental, em uso em uma escola do Sudoeste do Estado do Paraná, não estão livres de preconceito e estereotipagem, com o uso equivocado de conceitos. Há livros que tratam apenas das questões fisiológicas e anatômicas, e também os que ignoram as temáticas de gênero e sexualidade. Os direitos reprodutivos das brasileiras e dos brasileiros não são devidamente referidos, e, ao invés disso, a gravidez é tida como um infortúnio na adolescência que deve ser evitada, elencando especificamente como as meninas devem evitar a gravidez, sem, no entanto, aprofundar o debate sobre a questão. Chega-se à conclusão de que os livros didáticos ainda contêm informações equivocadas e desatualizadas, predominando uma visão machista e patriarcal, sendo escassos os textos e imagens dos livros analisados que não reproduziam tais visões. Do conjunto analisado, apenas o livro de língua moderna estrangeira (inglês) está livre da ditadura da heteronormatividade.

Por haver várias instâncias que avaliam os livros didáticos para, então serem disponibilizados para as escolas, era de se esperar que, referente à abordagem da sexualidade e das relações de gênero, os mesmos estivessem de acordo com as sugestões dos PCNs; porém, observamos nos livros que há uma predominância do tratamento que reitera

a heteronormatividade e a naturalização de valores e preconceitos de uma concepção machista de sociedade. Como já referido, apenas um livro se esquivava à regra e se distancia da dicotomia binária estereotipada.

Por fim, podemos enfatizar que, em sua maioria, os livros didáticos deixaram a desejar na forma de abordar os temas gênero e sexualidade, o que exigiria mudanças na postura coletiva, tanto dos autores e autoras dos livros quanto dos avaliadores e selecionadores das obras inscritas no PNLD, assim como dos professores que fazem a escolha dos livros. Para que os adolescentes possam contar com um material que respeite a diversidade sexual, há que ser repensada a forma como o livro aborda estes temas, em prol de uma educação que tenha como princípio a inclusão.

Toda a forma de preconceito e estereotipagem acaba por excluir e distanciar, criando barreiras entre as pessoas e, da mesma forma, entre os alunos e a escola. Para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde todos sejam respeitados, é preciso incluir todas as crianças, os adolescentes, os jovens e os adultos, para que estes se sintam acolhidos e apreciados no âmbito escolar. Uma vez que esta instituição foi construída para todos, é necessário que os livros didáticos e todos os materiais em circulação nas escolas estejam deveras livres de preconceito e estereotipagem, para que os professores e a equipe pedagógica e auxiliar consigam se desvencilhar, igualmente, de todo e qualquer preconceito e estereotipagem, em prol da manutenção de uma escola voltada para todos.

O livro didático, por ser largamente utilizado na educação, deveria, além de informar, trazer uma linguagem de respeito pelas diferenças, estimulando e propiciando aos alunos ideias e opiniões críticas, construídas a partir de reflexões que subsidiem a compreensão da vida, dos seres humanos, da natureza e da sociedade, contribuindo para que se entenda que somos todos seres humanos, que somos muito parecidos e diferentes ao mesmo tempo, e que faz parte da vida respeitar o outro por inteiro. Neste sentido, é importante ter consciência de que somos livres para fazer nossas escolhas, assim como os outros também o são, e que o respeito deve ser sempre a premissa maior de qualquer relacionamento.

REFERÊNCIAS

- ANNUNCIATO, P. PNLD tem maior mudança em 20 anos. *Nova Escola*, São Paulo, v. 305, n. 32, p. 6-7, set. 2017.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BITTENCOURT, C. M. F. Identidade Nacional e Ensino de História do Brasil. In: KARNAL, L. (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 185-204.
- BOULOS, A. J. *História, sociedade e cidadania*. 3 ed. São Paulo. FTD, 2015. 320 p.
- BRASIL. *Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais*. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/direitos_sexuais_reprodutivos_metodos_anticoncepcionais.pdf. Acesso em: 23 out. 2017.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. Introdução. Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 126 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)*. 2017. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/dados-estatisticos>. Acesso em: 25 ago. 2018.

- BRASIL. *Plataforma Lattes*. Brasília, CNPq, 2020. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>. Acesso em: 19 abr. 2020.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. *10º Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero*. Brasília: SPM, 2014. 284 p. Disponível em: <http://www.spm.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/publicacoes/2015/10-pcig.pdf>. Acesso em: 8 set. 2017.
- BRASIL. *Atividade legislativa*. Brasília: Senado Federal, 2016. Disponível em: https://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/con1988_08.09.2016/art_208_.asp. Acesso em: 30 set. 2017.
- BUCHWEITZ, D. Piadas para você morrer de rir. In: VAL, M. G. C.; MARCUSCHI, B. *Livro didático de língua portuguesa: letramento e cidadania*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- BUTLER, J. Por Letícia Bahia, da Revista AzMina. 6 de Novembro de 2017. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/573478-judith-butler-e-muito-tarde-para-silenciar-questo-namentos-sobre-genero>. Acesso em: 28 maio 2018.
- CEREJA, W.; COCHAR, T. *Português linguagens*. 9. ed. (reformulada). São Paulo: Saraiva, 2015.
- CHASSOT, Á. I. *A ciência é masculina?: é, sim senhora!*. 8. ed. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2017.
- FRISON, M. D. et al. Livro didático como instrumento de apoio para a construção de propostas de ensino de ciências naturais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS. 2009. Florianópolis, 2009. Disponível em: <http://www.fep.if.usp.br/~profis/arquivos/viiienpec/VII%20ENPEC%20-%202009/www.foco.fae.ufmg.br/cd/pdfs/425.pdf> Acesso em: 7 out. 2017.
- FURLANI, J. Direitos humanos, direitos sexuais e pedagogia queer: o que essas abordagens têm a dizer à Educação Sexual?. In: JUNQUEIRA, R. D. (org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Unesco, 2009. p. 293-323. Edição Eletrônica. Disponível em: pronacampo.mec.gov.br/.../bib_volume32_diversidade_sexual_na_educacao_problematizacao_sobre_a_homofobia_nas_escolas.pdf. Acesso em: 23 out. 2017.
- LOURO, G. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- MARTÍNEZ, V. et al. *Time to share: inglês*. São Paulo: Saraiva, 2015.
- MILLER, H. L. Com adaptação de SCHULMAN, M. Um fantasma camarada In: VAL, M. G. C.; MARCUSCHI, B. *Livro didático de língua portuguesa: letramento e cidadania*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- MOMESSO, M. R. et al. *Sexualidade, psicanálise e discurso na literatura*. 1. ed. Porto Alegre: Cirkula, 2016.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. *Análise textual discursiva*. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.
- PAVÃO, A. C. *O livro didático em questão*. 2006. Disponível em: <https://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/1426100829786.pdf>. Acesso em: 7 out. 2017.
- PEREIRA, A. M.; SANTANA, M.; WALDHELM, M. *Ciências da natureza*. 2. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2015. Projeto Apoema.
- SAMPAIO, F. S.; MEDEIROS, M. C. *Geografia*. 4. ed. São Paulo: SM, 2015. 240 p.
- SANTOS, D. B. C.; ARAÚJO, D. C. Sexualidades e gêneros: questões introdutórias. In: SANTOS, D. B. C.; ARAÚJO, D. C. (org.). *Sexualidade*. Cadernos temáticos da diversidade. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação (SEED-PR); Superintendência de Educação; Departamento da Diversidade; Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual, 2009. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/sexualidade.pdf. Acesso em: 17 out. 2017.
- SANTOS, I. A. *Educação para a diversidade: uma prática a ser construída na Educação Básica*. Universidade Estadual do Norte do Paraná. Cornélio Procópio, PR. 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2346-6.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2017.
- SILVA, F. F.; MELLO, E. M. B. *Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação*. Uruguaiana: Unipampa, 2011. Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/sisbi/files/2013/07/corpos-2011.pdf>. Acesso em: 1º set. 2017.
- SILVA, R. P. *A escola enquanto espaço de construção do conhecimento*. Revista Espaço Acadêmico, n. 139, dez. 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/Cris/Downloads/17810-78944-5-PB.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2017.

SOUZA, S. L.; COAN, C. M. Abordagem da sexualidade humana em livros didáticos de biologia. SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL, 3., 2013, Maringá. *Anais [...]*. Maringá: SIES, 24 a 25 de abril de 2013. Disponível em: http://www.sies.uem.br/anais/pdf/educacao_sexual_escolar/4-17.pdf. Acesso em: 7 out. 2017.

SOUZA, J.; PATARO, P. R. M. *Matemática: vontade de saber*. 3. ed. São Paulo: FTD, 2015. 320 p.

UTUARI, S. *et al. Por toda parte*. São Paulo: FTD, 2015.

VAL, M. G. C.; MARCUSCHI, B. *Livro didático de língua portuguesa: letramento e cidadania*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ANEXO I – TABELA COM AS QUESTÕES ORIENTADORAS

Perguntas orientadoras	Questões de pesquisa	Categorias	Subcategorias
Como são abordadas as relações de gênero e sexualidade nos textos presentes nos livros didáticos?	As temáticas sexualidade e gênero são conceituadas corretamente?	Estimula um olhar mais crítico e reflexivo sobre as identidades de gênero e sexual.	Define as diferenças entre gênero e sexo.
Gênero e sexualidade são trazidos como sinônimos?			Respeita as diferenças.
Planejamento familiar é direcionado para casais heterossexuais ou são consideradas em conta outras formas de relações?			Compreensão sobre as diferenças corporais e sexuais que culturalmente se cria na sociedade.
Como é definido masculino e feminino?			Colabora para uma educação mais tolerante;
Abordam a história da mulher na sociedade e suas contribuições?			Contribui para a desmistificação de diferenças e preconceitos em relação ao sexo.
São consideradas outras formas de união além das heterossexuais?			Colabora na superação dos desafios impostos a educação sexual.
Os cuidados para o sexo seguro são abordados somente para relações heterossexuais ou também para outras relações que não heterossexuais?			Importante instrumento na construção de valores e atitudes, que permitam um olhar mais crítico e reflexivo sobre as identidades de gênero e sexual.
Os prazeres sexuais são igualmente considerados importantes para homens e mulheres?			Incorporam o debate das questões de gênero e sexualidade.
Quais os recursos didático-pedagógicos empregados para abordar gênero, sexualidade e os múltiplos fatores que constituem a sexualidade?		Destacando-se as definições para os termos gênero, feminismo e sexualidade.	
Gravidez é tida como um castigo para as jovens?	Sexualidade e gênero são retratados de forma estereotipada?	Abordagem com visões distorcidas.	Existência de textos sexistas.
Prevenção à gravidez é trazida como exclusivamente de responsabilidade das mulheres?			Estereotipagem quanto os papéis das mulheres e dos homens.
Amamentação e os cuidados com a criança é abordada como obrigação exclusiva da mãe?			
As imagens presentes nos livros didáticos transmitem mensagem de fundo preconceituoso e estereotipado?			Ilustrações estereotipadas.
A sexualidade é abordada observando só a parte reprodutiva e fisiológica;	Quando abordado sexualidade e gênero ocorre aprofundamento nos temas?	Abordagem superficial das temáticas.	Aborta apenas às questões fisiológicas.
Aborda planejamento familiar (ter filhos) ou apenas traz como evitar a gravidez?			Gravidez na juventude deve ser evitada.
Os livros didáticos fornecem orientações para o desenvolvimento do trabalho do professor em sala de aula quanto às questões de gênero e sexualidade?	É abordado sexualidade e gênero?	Não aborda as temáticas.	As temáticas sexualidade e gênero são ignorados.

Fonte: Elaborado pelos autores (2018) a partir da análise dos livros didáticos.

Todo conteúdo da Revista Contexto & Educação está
sob Licença Creative Commons CC – By 4.0